

**GRUPOS DE PESQUISA COMO “ESPAÇOS DE AÇÃO POSSÍVEL”: A
EXPERIÊNCIA DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE POPULAÇÕES
TRADICIONAIS E EDUCAÇÃO (LEPTE - IFMA) NO
ENFRENTAMENTO AO RACISMO**

***RESEARCH GROUPS AS “SPACES OF POSSIBLE ACTION”: THE
EXPERIENCE OF THE LABORATÓRIO DE ESTUDOS DE
POPULAÇÕES TRADICIONAIS E EDUCAÇÃO (LEPTE – IFMA)
AGAINST RACISM***

Luiz Augusto Sousa do Nascimento¹
Hemerson Moura²

RESUMO

O objetivo do presente artigo é compartilhar a experiência do Laboratório de Estudos de Populações Tradicionais e Educação (LEPTE – IFMA)³ na tentativa de se constituir como centro irradiador de ações práticas de enfrentamento ao racismo e outras formas de opressão pela via educacional. Destacamos algumas ações promovidas pelo nosso grupo de pesquisa que nos caracteriza como o que Michael Apple chama de “espaços de ação possível”. Dialogamos ético-politicamente e teoricamente com o pensamento e as propostas de Paulo Freire e de Apple no que se refere ao engajamento dos educadores criticamente democráticos, buscando promover ações contra-hegemônicas que façam frente aos ataques dos grupos que compõem, nos termos de Apple, a “restauração conservadora”. Avaliamos que todas as nossas ações têm nos indicado que o LEPTE vem aos poucos se consolidando na região do Médio Sertão Maranhense como um espaço de ação prática viável, produtiva e possível na luta contra todas as formas de opressão, em especial aquelas concernentes às relações étnico-raciais. **Palavras-chaves:** Educação. Paulo Freire. Michael Apple. Contra-hegemonia. Enfrentamento ao racismo.

¹ Doutor em Antropologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Líder do Laboratório de Estudos de Populações Tradicionais e Educação (LEPTE/IFMA), cadastrado no CNPq. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) – Campus São João dos Patos. e-mail: luiz.nascimento@ifma.edu.br

² Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Líder do Laboratório de Estudos de Populações Tradicionais e Educação (LEPTE/IFMA), cadastrado no CNPq. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) – Campus São João dos Patos. e-mail: hemerson.silva@ifma.edu.br

³ O Laboratório de Estudos de Populações Tradicionais e Educação (LEPTE) é um grupo de pesquisa cadastrado no CNPq desde 2014, com sede no campus São João dos Patos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA). Mais informações, acessar <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/42648#identificacao>>.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to share the experience of the Laboratório de Estudos de Populações Tradicionais e Educação (LEPTE - IFMA) in an attempt to constitute itself as a radiating center of practical actions against racism and other forms of oppression through educational path. We highlight some actions promoted by our research group that characterizes us as what Michael Apple calls “spaces of possible action”. We dialogue ethically-politically and theoretically with the thoughts and the proposals of Paulo Freire and Apple regarding to the engagement of critically democratic educators, seeking to promote actions counter-hegemonic that face the attacks of groups that make up, in Apple's terms, the “conservative restoration”. We believe that all of our actions have indicated that LEPTE is gradually coming consolidated in the Médio Sertão Maranhense as a viable, productive, practical and possible action space in the fight against all forms of oppression, especially those concerning ethnic-racial relations.

Keywords: education; Paulo Freire. Michael Apple. Counter-hegemony. Against the racism.

INTRODUÇÃO

Entre 2003 e 2013 o Brasil vivenciou dias promissores no sentido de uma sociedade mais justa, igualitária e verdadeiramente democrática. Estimulado e pressionado pelo protagonismo histórico dos diversos movimentos sociais, de ativistas, de intelectuais e da sociedade civil organizada, o governo brasileiro desse período iniciou a implementação de um conjunto de políticas públicas voltadas ao enfrentamento dos mais diferentes tipos de opressão (relacionadas a gênero, sexualidade, classe, raça/etnia, geração, entre outros) com vistas à construção de uma democracia com justiça social.

Anteriormente, na década de 1980, quando de fato no mundo ocidental se instala pragmaticamente o neoliberalismo e a ascensão da nova direita esclarecida, há uma negação à justiça social. Epistemologicamente, há um incentivo ao desmantelamento do Estado, que envolve praticamente a negação da sua existência⁴.

Apesar da ascensão da nova direita na Europa e nos Estados Unidos, no Brasil, dentro do terreno das relações étnico-raciais, chama atenção as ações relacionadas à educação, especialmente a partir da promulgação das leis nº 10.639/03 e 11.645/08, que buscavam promover uma série de medidas de enfrentamento do racismo em suas mais diferentes formas.

⁴ O desmantelamento do Estado é sustentado epistemologicamente por teóricos como Ludwig von Mises, Friedrich Hayek e Milton Friedman, apenas para ficar em três dos mais influentes.

A educação para as relações étnico-raciais se colocava como uma proposta promissora para o país. Parecia que enfim passaríamos a limpo nosso passado escravocrata e genocida.

Entretanto, nos últimos cinco anos a extrema direita ganhou força no mundo. Mais especificamente no Brasil, vimos uma verdadeira ascensão de uma ala ultraconservadora da população brasileira – reconhecidamente racista, machista, colonialista e elitista – que hoje se abriga no grande “guarda-chuva ideológico” da Nova Direita, indicando que a hegemonia é ampla e acolhe diferentes grupos (GANDIN; LIMA, 2016. APPLE, 2007, 2017). Estes grupos vêm promovendo ataques sistemáticos aos direitos conquistados e aos avanços na direção de uma “concepção bidimensional de justiça” (FRASER, 2002), que abarca tanto as políticas de redistribuição como as de reconhecimento, exigindo da ala progressista um esforço no sentido de (re)pensar as estratégias de ação contra-hegemônica.

Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho é compartilhar a experiência do Laboratório de Estudos de Populações Tradicionais e Educação (LEPTE) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) – Campus São João dos Patos como tentativa de se constituir como centro irradiador de ações práticas de enfrentamento ao racismo e outras formas de opressão pela via educacional, promovendo a interface entre o local e o global. Com isso, propomos um diálogo e reflexão sobre os grupos de pesquisas abrigados em instituições de ensino como excelentes “espaços de ação possível” (APPLE, 2017), bem como a troca de experiências de promoção de ações contra-hegemônicas na luta contra o racismo e outras formas de opressão no âmbito da educação.

Para tanto, assumimos o princípio defendido por Paulo Freire e Michael Apple de que para compreendermos e agirmos sobre a educação e suas complexas conexões com a sociedade mais ampla é preciso buscar enxergar o mundo pelos olhos dos excluídos, agir contra todos os mecanismos de reprodução das diferentes formas de opressão e entendê-la (a educação) como um ato essencialmente ético e político, situando-a novamente nos contextos de relações desiguais de poder. (APPLE, 2017. FREIRE, 1984, 2011, 2012, 2017a, 2017b, 2019).

2. NAS TRILHAS DE FREIRE E APPLE

2.1. Demarcando um posicionamento ético-político a partir de Paulo Freire

Escrever academicamente quase sempre remete à ideia de neutralidade. A despeito do arrefecimento do positivismo na teoria sociológica, ainda hoje as teses defendidas por Auguste Comte e seus seguidores sobre o caráter neutro do conhecimento científico parecem perambular como fantasmas pelos espaços acadêmicos e mentes de alguns estudiosos. Os discursos tangentes ao novo Coronavírus, por exemplo, procuram se legitimar pelo aporte da ciência positiva. É o que está estruturado na academia Ocidental. No entanto, nos esforçamos pela valorização de outros tipos de conhecimentos.

Assim como o educador pernambucano Paulo Freire, não compartilhamos da ideia de neutralidade científica. Pelo contrário, partimos do pressuposto de que toda produção acadêmica está situada numa dimensão ético-política. Como afirma Paolo Nosella – seguindo Gramsci – “a neutralidade é uma ideologia deformadora da realidade (...)” (2005, p. 232). No quadro das ciências modernas a ideia de neutralidade tem servido basicamente para duas coisas: legitimar a fala de alguns em detrimento da de outros; e esconder os mais diversos interesses por trás da produção de conhecimento científico.

Desenvolvemos o pensamento acima a fim de justificar a explicitação do nosso posicionamento ético-político. Parafraseando Freire (2012), para nós, progressistas, não há como pensarmos na produção científica – ou, de maneira mais ampla, em estar no mundo – sem se perguntar a favor de quê, de quem e contra quê fazemos pesquisas e produzimos academicamente.

Diferentemente do que se faz, aqui assumimos e explicitamos um posicionamento ético-político segundo o qual o conhecimento científico deve estar a serviço da transformação social na direção de sociedades mais justas, igualitárias e verdadeiramente democráticas. Para nós do LEPTE, o sentido da produção acadêmica, portanto, tem a ver com a crença partilhada com Paulo Freire de que o mundo pode ser transformado e os conhecimentos, no sentido amplo, são instrumentos potentes neste sentido.

Não poderíamos encerrar essa parte do texto sem considerar o que diz Freire, sintetizando, de certo modo, o posicionamento ético-político que assumimos e demarcando a importância de tal posicionamento.

[...] Daí a crítica permanentemente presente em mim à malvez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia.

Daí o tom de raiva, legítima raiva, que envolve o meu discurso quando me refiro às injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo. Daí o meu nenhum interesse de, não importa que ordem, assumir um ar de observador imparcial, objetivo, seguro, dos fatos e dos acontecimentos. Em tempo algum pude ser um observador “acinzentadamente” imparcial, o que, porém, jamais me afastou de uma posição rigorosamente ética. Quem observa o faz de um certo ponto de vista, o que não situa o observador em erro. O erro na verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-lo e desconhecer que, mesmo do acerto do seu ponto de vista, é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele.

O meu ponto de vista é o dos “condenados da Terra”, o dos excluídos. [...] (FREIRE, 2011, p. 16).

Referindo-se ao seu interesse pelas questões humanas, a fala de Paulo Freire acima é pertinente na medida em que demarca a maneira como nos posicionamos ético-politicamente para o fazer acadêmico dentro do tripé ensino, pesquisa e extensão. Além disso, em tempos em que o obscurantismo intelectual tenta distorcer e demonizar a memória e a produção intelectual freireana, nada melhor do que reafirmarmos a importância do pensador pernambucano para as ciências humanas em geral e para a área da educação de modo particular.

2.2 A metáfora do “guarda-chuva ideológico” de Michael Apple: ensaio para uma interpretação do Brasil contemporâneo

Compreendemos a investida de grupos conservadores contra os direitos de cidadania no Brasil a partir da trilha teórico-conceitual aberta por Michael Apple com a metáfora do “guarda-chuva ideológico” (GANDIN; LIMA, 2016), que abriga sob si diferentes visões de mundo que se coadunam para formar o que o autor chama de “alianças hegemônicas”.

Para Apple, quatro elementos principais compõem tais “alianças”, nomeadamente pelo autor como: “os neoliberais, os neoconservadores, os populistas autoritários e uma certa

fração da nova classe média em ascensão.” (APPLE, 2007, p. 95). Esses quatro blocos, que juntos têm orquestrado os principais ataques contra as pautas progressistas, podem ser definidos como se segue.

Os “neoliberais” são o elemento mais poderoso da Nova Direita. Orientam-se pela perspectiva do Estado fraco, são privatistas, economicistas e se destacam por orientar os demais blocos político-economicamente com ideias atreladas à noção de mercado. Os principais representantes dos “neoliberais” no Brasil podem ser encontrados entre os super-ricos. Estes, a despeito de lideraram a concentração de renda em todo o globo terrestre, vêm, desde 2016, quando Michel Temer assume a presidência da república, dando o tom das reformas estatais (trabalhista, da previdência, do Ensino Médio, administrativa e fiscal) fincadas no ideário neoliberal. Reformas estas que diversos especialistas têm alertado que muito provavelmente aprofundarão as desigualdades de classe no país.

Chama atenção a complexa trama de atores e instituições que atuam político-ideologicamente a partir do bloco “neoliberal”. Conforme demonstrado pelo historiador Flávio Casimiro (2018), as ações desse bloco vinculado ao capital não são isoladas nem tampouco desorganizadas. Trata-se de estratégias muito bem delimitadas e colocadas em prática por aparelhos privados de hegemonia ao longo de mais de 30 anos com o intuito de atualizar a dominação de classe no país. Além de interesses econômicos,

Todo esse conjunto de estratégias passa também pela naturalização de uma cultura única, de uma sociabilidade do capital entranhada nas mais diversas e específicas manifestações da vida social, que legitima, garante e atualiza as formas de dominação e, por sua vez, a reprodução ampliada da acumulação capitalista. (CASIMIRO, 2018, p. 469).

Os “neoconservadores” são aqueles que advogam por um retorno a uma moral, às tradições e aos valores do passado. No Brasil o neoconservador é o típico “cidadão de bem” que agora fala em nome de um suposto período glorioso que o país viveu, remetendo-se inclusive ao nosso passado colonial como uma época de ouro, disfarçando que são, na verdade, escravocratas.

O terceiro bloco é formado pelos “populistas autoritários”. Estes podem ser identificados como os grupos fundamentalistas religiosos que geralmente embasam suas

posições a partir da autoridade bíblica, na “moral cristã”, nos papéis tradicionais de gênero e num ideal particular de família. No Brasil são facilmente identificáveis nas figuras dos líderes de igrejas neopentecostais que inclusive têm radicalizado a perseguição a outras religiões, sobretudo as de matriz africana. Esse grupo, aliado aos “neoconservadores”, têm desempenhado um forte protagonismo na disputa pela definição do currículo escolar, atuando, por exemplo, para a imposição do projeto do movimento “Escola sem Partido” e contra o que eles desonestamente nomearam de “ideologia de gênero nas escolas”.

Juntos, “neoconservadores” e “populistas autoritários” formam a ala mais radical da Nova Direita e também mais violenta, atuando muito fortemente no que ficou conhecido como “pauta dos costumes”. Frequentemente instigados a lutar ideologicamente contra o que chamam de “marxismo cultural”, atacam com veemência e virulência tudo que esteja relacionado aos direitos das minorias, distorcendo e trazendo confusão ao grande público por meio de uma avalanche de desinformação escoada principalmente via redes sociais. São reconhecidamente anticiência e os efeitos daquilo que eles vêm provocando já são sentidos hoje, através de perseguições raivosas a tudo e a todos que entram em rota de colisão com a sua visão de mundo.

O quarto e último elemento das “alianças hegemônicas” é formado pela “nova classe média profissional”. Com o termo Apple faz referência ao grupo que ganhou sua própria mobilidade social dentro do Estado, atribuindo-a ao uso da especialização técnica. Esse grupo congrega aqueles que acreditam piamente na meritocracia, já que na sua visão turva de sociedade o lugar que ocupam na hierarquia social é fruto exclusivo de esforço e mérito. Contraditoriamente, esse grupo não necessariamente pactua com as posições ideológicas da aliança conservadora, mas, como especialistas, fornecem o saber técnico para viabilizar tal projeto de sociedade. (APLLE, 2007; GANDIN; LIMA, 2016).

Importante destacar que esses grupos não formam um bloco coeso e coerente. Há contradições e interesses conflitantes nas suas visões de mundo, mas que não os impede de formar suas alianças em função de objetivos comuns, sobretudo por conta das pautas relacionadas a gênero e raça/etnia. Daí a necessidade de utilizarmos outras categorias além de

classe para compreendermos esse fenômeno global que Apple chama de “restauração conservadora” (APPLE, 1993; 1996 *apud* APPLE, 2007) e para criarmos outras formas de nos contrapormos aos modelos vigentes.

Embora a proposta interpretativa que Apple nos oferece acima tenha como foco central o campo da educação, *locus* de maior atuação do autor estadunidense, nos parece apropriado utilizar aqui a metáfora do “guarda-chuva ideológico” como suporte teórico-conceitual para uma interpretação ampla e preliminar da “restauração conservadora” ocorrida no Brasil nos últimos cinco ou sete anos. Mesmo porque é exatamente o fato de terem encontrado pontos de convergência que esses quatro grupos se abrigam debaixo do mesmo “guarda-chuva”, formando poderosas alianças que vêm corroendo nosso tecido social e destruindo pouco a pouco nosso Estado democrático de direito.

Como a nossa intenção não é propor uma interpretação profunda da conjuntura política e social que o Brasil enfrenta na atualidade, dada a complexidade da tarefa e do objetivo proposto para o presente artigo, nos limitaremos às breves ponderações que fizemos acerca das “alianças hegemônicas” apenas para indicar que é hercúlea a tarefa da ala progressista brasileira de lidar com (e reverter) o que Apple (2017) chama de “política da interrupção”, orquestrada por esses quatro grandes blocos hegemônicos.

O fato é que por aqui a “restauração conservadora” tem deixado estupefata grande parte da nossa ala progressista (aqui obviamente nos incluímos). Fazendo-nos experimentar grande dose de perplexidade e imobilismo diante dos ataques promovidos, a Nova Direita vem se aproveitando do nosso atordoamento para seguir implementando seu ideário e suas pautas sem encontrar à sua frente uma resistência mais firme e organizada.

Dessa forma, a nossa proposta é fugir do pessimismo, imobilismo e desespero – provocados em grande parte pelo “teatro do absurdo” que temos acompanhado cotidianamente nos noticiários ao longo do último ano⁵ – que tem acometido grande parte da

⁵ O noticiário que se tornou rotina no Brasil demonstra que a Nova Direita não está para brincadeira quando o assunto é atacar as minorias. Para ilustrar, vejamos alguns títulos de matérias jornalísticas entre o final de novembro e o final de fevereiro de 2020.

ala progressista brasileira. Direcionamos nosso foco aqui para uma reflexão a respeito do que estamos fazendo à frente do LEPTe, grupo de pesquisa que lideramos, dialogando com as ideias de Michael Apple presentes no seu texto intitulado *A luta pela democracia na educação crítica* (2017). A partir dele, entendemos que no âmbito da educação é preciso identificar e/ou criar “espaços de ação possível” como forma de resistir contra a escalada do profascismo no Brasil. Para tanto, segundo o autor, a nossa investigação da realidade deve buscar indicar os espaços nos quais ações contra-hegemônicas acontecem ou podem acontecer, sendo esta apenas uma das nove tarefas que ele aponta como necessárias aos educadores criticamente democráticos.

Além da tarefa indicada acima, destacamos que Apple defende ainda que precisamos secretariar os grupos de pessoas e movimentos sociais engajados em combater relações desiguais de poder, ampliando assim aquilo que incluímos como pesquisa; utilizar o privilégio que possuímos como intelectuais com vínculo institucional para abriremos espaços dentro das instituições educacionais às quais estamos vinculados e em outros lugares para aqueles que geralmente não têm voz naquele espaço; trazer à luz as maneiras pelas quais a política e a prática educacional são vinculadas às relações de exploração e dominação; reconstruir a forma e o conteúdo do “conhecimento da elite” para que sirvam às necessidades sociais

-
- a. 27/11/2019: “**Presidente da Fundação Palmares nega racismo, e pede fim do movimento negro**” (https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/11/27/interna_politica,809699/presidente-da-fundacao-palmares-nega-racismo-e-pede-fim-do-movimento.shtml);
 - b. 10/12/2019: “**Dia da Consciência Negra 'propaga vitimismo', diz nomeado para Fundação Palmares após reunião com Bolsonaro**” (<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/12/10/dia-da-consciencia-negra-propaga-vitimismo-diz-chefe-da-fundacao-palmares-apos-reuniao-com-bolsonaro.ghtml>);
 - c. 12/02/2020: “**Guedes elogia dólar alto: ‘empregada doméstica estava indo à Disney’**” (<https://exame.abril.com.br/economia/guedes-critica-dolar-baixo-empregada-domestica-estava-indo-a-disney/>);
 - d. 17/02/2020: “**Professora de inglês sofre processo disciplinar por falar sobre feminismo em cidade berço do MBL**” (<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-02-17/professora-de-ingles-sofre-processo-disciplinar-por-falar-sobre-feminismo-em-cidade-berco-do-mbl.html>);
 - e. 21/02/2020: “**Em MG, quilombos denunciam exigência injustificada da PM por informações**” (<https://www.brasildefatombg.com.br/2020/02/21/em-mg-quilombos-denunciam-exigencia-injustificada-da-pm-por-informacoes>);
 - f. 28/02/2020: “**RR: deputado usa motosserra e quebra corrente que protegia terra indígena**” (<https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2020/02/28/rr-deputado-usa-motosserra-a-quebra-corrente-que-protegia-terra-indigena.htm>).

verdadeiramente progressistas; manter vivas as tradições e a utopia do trabalho progressista, criticando-as de maneira solidária quando não são adequadas; reaprender ou desenvolver o uso de habilidades variadas de trabalhar em vários níveis e em diversos grupos, tais como a habilidade de falar para diferentes públicos, seja pelas vias jornalísticas e midiáticas, seja pelas vias acadêmicas e populares; e por fim conectar-se às mobilizações dos movimentos sociais que visam interromper a dominação, doando-lhes experiência e conhecimento e buscando também aprender com eles.

Referindo-se às tarefas supracitadas, Michael Apple afirma sua intenção:

Por meio disso, eu argumento a favor de uma política que eu chamo de *união descentralizada* [grifo do autor] – uma expressão substantiva e bem mais inclusiva que “nós” – e a favor de uma expansão de grupos que podem agir como nossos professores sobre as táticas de interrupção. Tal expansão é ainda mais crucial, hoje, se pretendemos participar, mais integralmente, na construção de respostas à pergunta “o que deve ser feito?”. (APPLE, 2017, p. 914).

Diante do cenário brasileiro atual e do princípio ético-político que adotamos, atendemos ao chamado feito por Michael Apple para assumirmos o papel de “intelectuais públicos” (ou “intelectuais orgânicos”, nos termos gramscianos) e temos trabalhado nos últimos três anos para participarmos da construção de respostas relacionadas ao que deve ser feito, transformando, para tanto, o espaço do LEPTe num centro de irradiação de ações educacionais voltadas ao enfrentamento do racismo e de outros tipos de opressão, conforme discutiremos nos próximos tópicos.

3. CAMINHOS PARA O ENFRENTAMENTO AO RACISMO: O CASO DO LEPTe

Metodologicamente destacaremos algumas ações promovidas pelo LEPTe (ou a partir dele) que estão diretamente relacionadas às propostas de Apple sobre o engajamento dos educadores, intelectuais e ativistas criticamente democráticos, especialmente com o que ele chama de “espaços de ação possível” (APPLE, 2017). A ideia é traçar um panorama das ações de enfrentamento ao racismo que o nosso grupo de pesquisa vem desenvolvendo que dialogam diretamente com o pensamento de Apple.

Cabe mencionar que o LEPTE existe desde 2014 e inicialmente era voltado ao estudo das populações tradicionais e da etnologia. Com a congregação dos nossos esforços o grupo passou por um processo de reestruturação entre 2016 e 2017. Uma das principais mudanças foi a incorporação e afirmação do campo da educação no nome, como linha de pesquisa e como parte constituinte da identidade do grupo. Assim, ampliamos nosso raio de atuação e passamos a desenvolver diferentes ações dentro do tripé ensino, pesquisa e extensão.

Dentre as diversas ações desenvolvidas pelo LEPTE nos últimos três anos voltadas ao enfrentamento do racismo, fomos protagonistas na proposição, elaboração do projeto e implementação e coordenação do Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Ensino de Educação para as Relações Étnicas e Raciais, que conta com 35 vagas e teve a formação de duas turmas até o momento, sendo a primeira em 2017 e a segunda em 2019.

Classificamos a implementação do curso de pós-graduação como a principal atividade que desenvolvemos até o momento por se tratar de uma ação estrutural de formação no eixo do ensino, sobretudo pelo seu potencial de multiplicação pelos estudantes do curso nos seus locais de atuação. Como a especialização é direcionada prioritariamente para os profissionais da educação, a nossa expectativa é que os aprendizados sejam colocados em prática nas escolas e demais locais de trabalho dos alunos, amplificando assim os impactos positivos da ação.

Como a maioria dos cursos de especialização com essa temática, nosso curso foi criado com o objetivo principal de promover a educação para o ensino das relações étnicas e raciais, pautadas nos pressupostos necessários de uma prática docente que considera o empoderamento das populações africanas, afrodescendentes e indígenas. O eixo norteador do curso perpassa pelas questões indígenas, pelas africanidades e suas diásporas, bem como pela situação sociopolítica dos afro-brasileiros nas suas variadas vertentes, tais como o movimento negro, os quilombolas e a política de cotas no Brasil.

Aliado a esse objetivo geral, buscamos ainda atender os preceitos das leis 10.639/03 e 11.645/08 que garante a obrigatoriedade em estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena;

subsidiar pressupostos teóricos que oriente o ensino das relações étnicas e raciais no ensino básico; formar docentes, gestores e servidores da educação básica quanto às práticas de ensino pautadas no conhecimento das populações africanas, afro-brasileiras e indígenas no Brasil e, especificamente, no Maranhão.

Devido à temporalidade das leis supracitadas (17 e 12 anos, respectivamente), a maioria das escolas brasileiras ainda não conseguiu adaptar o seu corpo docente e seus componentes curriculares aos pressupostos da educação para as relações étnicas e raciais. Sendo assim, percebemos a necessidade de um curso especializado na área das relações étnicas e raciais que venha gradativamente atender uma demanda dos profissionais das distintas áreas do conhecimento que ministram aulas sem uma especialização adequada nos estudos em tela.

Em relação aos docentes que atuam nas escolas dos municípios da nossa região (médio sertão maranhense), uma pesquisa preliminar realizada pelo LEPTe aponta que a maioria dos professores que está ministrando aulas referentes às relações étnicas e raciais não possui formação especializada na área, bem como, a maioria das escolas introduzem as aulas de relações étnicas e raciais aos componentes curriculares de história ou geografia, considerando como temas transversais.

No caso do município de São João dos Patos, mais especificamente, a carência de formação para a implementação das referidas leis ficou mais evidente no início do ano de 2020, quando recebemos uma demanda da Secretaria Municipal de Educação para desenvolvermos um curso de extensão direcionado às professoras e professores da rede municipal voltado à temática das relações étnico-raciais. O Curso de Extensão Educação para as Relações Étnico-Raciais está pronto para ser posto em prática e pretende formar 40 profissionais da educação municipal, configurando-se como mais uma das ações do LEPTe no enfrentamento ao racismo, agora atuando no eixo da extensão.

É interessante notar que o curso de especialização foi realmente a grande mola propulsora para que o IFMA – Campus São João dos Patos, através do LEPTe, fosse identificado e reconhecido como autoridade acadêmica no município e região do médio sertão

maranhense no que tange a temática das relações étnico-raciais. Foi inclusive esse reconhecimento que fez com que a Secretaria Municipal de Educação de São João dos Patos nos procurasse para realizarmos uma palestra sobre a temática na Semana de Formação Pedagógica do município em fevereiro de 2020, dando início às negociações para oferta da primeira edição do curso de extensão supracitado.

A partir da instituição do curso de especialização pudemos desenvolver uma série de ações, dentre as quais destacamos: 1. Finalização da primeira turma do curso de especialização no ano de 2019 e organização de uma nova entrada para novos estudantes; 2. Visita técnica a um terreiro de candomblé do nosso município, com o intuito de dialogar com os estudantes sobre as religiões de matriz africana. Esta visita envolveu apenas os estudantes da especialização⁶; 3. Visita técnica ao Quilombo Cambirimba, no município de Colinas, para colocar os estudantes em contato com a realidade do povo negro daquela localidade. A visita envolveu cerca de 40 alunos, entre estudantes dos cursos técnicos, superiores e da pós-graduação do nosso campus; 4. Proposição e coordenação de uma mesa-redonda composta por lideranças do Quilombo Cambirimba dentro da programação da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia de 2018; 5. Envolvimento de estudantes bolsistas e voluntários do PIBIC⁷ em estudos com povos indígenas (etnias Apaniekrá Canela e Timbira) e quilombolas (Quilombo Cambirimba, no município de Colinas) do estado do Maranhão; 6. Orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) da pós-graduação voltados à temática das relações étnicas e raciais; 7. Realização, em parceria com o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) do campus, da primeira Semana da Consciência Negra, no mês de novembro de 2019, com exposição, mesas-redondas, rodas-de-diálogo, entre outras atividades relacionadas à temática; 8. Elaboração de projeto de extensão em parceria com o Núcleo de Pesquisa e Extensão em Meio Ambiente Urbano e Rural (NUPEM), também do IFMA – Campus São João dos Patos, voltado a atender a comunidade quilombola de Cambirimba para a valorização e fortalecimento da sua identidade cultural.

⁶ A visita técnica em questão foi coordenada pela professora Patrícia Santos, também integrante do LEPTE, como atividade de campo da disciplina “História e Culturas Afro-brasileiras: território, religião e identidades”.

⁷ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

De maneira direta as atividades desenvolvidas pelo LEPTE têm dialogado com o pensamento de Aple quando nos diz que para enfrentarmos a “restauração conservadora” é preciso lançar mão de ações contra-hegemônicas em todos os espaços sociais possíveis, sobretudo dentro das instituições nas quais estamos vinculados. Como afirma o autor,

Há muito para fazer e muitos lugares onde precisa ser feito. Há o reconhecimento crescente de que mudanças verdadeiramente radicais às nossas estruturas, nossas políticas e nosso senso comum são essenciais. A tarefa parece tão grande. Isto pode ser desanimador e até paralisante. Mas devemos começar em algum lugar. Precisamos resistir ativamente ao pressuposto muito difundido de que a educação não é poderosa como agente de transformação, que só pode ser transformada depois que a “sociedade” for transformada. As instituições educacionais e as pessoas que nelas trabalham são partes fundamentais da sociedade. Lutas são partes essenciais da guerra de posição. (APLLE, 2017, p. 920).

Como é possível observar nas ações elencadas acima, a tarefa de fazer do grupo um “espaço de ação possível” tem sido uma constante na nossa atuação, buscando nos manter atuantes dentro do tripé ensino, pesquisa e extensão.

Observamos por exemplo que a experiência de proporcionar a presença de lideranças quilombolas ocupando um lugar de protagonistas dentro do nosso campus possibilitou a quebra de uma série de preconceitos que recai sobre estas populações. A despeito de Cambirimba fazer parte de um conjunto grande de comunidades quilombolas existentes no estado do Maranhão, foi a primeira vez que a maioria dos alunos teve contato direto com uma comunidade desse tipo. Como atividade educativa a ação teve um efeito extremamente positivo ao desmistificar para os alunos do campus as formas de vida daquele povo. Como prescreve Aple, utilizamos o privilégio que possuímos de estarmos vinculados a uma instituição educacional e abrimos espaço dentro da instituição para aqueles que geralmente não têm voz naquele espaço. Não fizemos apenas o movimento de mão única. Levamos vários estudantes até a comunidade de Cambirimba para estabelecermos um momento de troca de conhecimentos e experiências.

Obviamente a proposta do LEPTE é muito maior do que a realização das ações pontuais que aqui enumeramos como forma de ilustrar nossa atuação dentro daquilo que preceitua Aple. Quando falamos que a nossa busca é por se tornar um centro irradiador de ações contra o racismo significa que estamos trabalhando no sentido de um trabalho contínuo

e estruturado visando mudanças estruturais em âmbito local que estejam alinhadas às lutas por mudanças estruturais em âmbito global. Escrever este texto é também uma forma de organizar e documentar os ganhos, para que a partir dele possamos refletir sobre o que já fizemos e sobre o que ainda podemos e vamos fazer, bem como para que possamos dialogar com outros que, como nós, acreditam na possibilidade de sociedades mais justas. Aqui nos conectamos mais uma vez com Michael Apple que nos faz um alerta importante.

Mais uma vez, documentar esses ganhos ainda exige que continuemos a não ser românticos, para ser plenamente conscientes de que não somos os únicos atores neste terreno e que, necessariamente, visões sólidas de democracia crítica prevalecerão. Assim é importante levar muito a sério que este é um tempo em que visões ideológicas, pressupostos e compromissos da direita estão presentes de forma poderosa, são bem financiados, e estão se tornando, cada vez mais, uma parte central do senso comum em muitas nações do mundo inteiro. (APLLE, 2017, p. 916).

Para além dos muros da instituição, um dos mais significativos impactos das nossas ações foi o estímulo aos estudantes da pós-graduação para estudarem a sua própria realidade. Entre as propostas de pesquisa que de fato se materializaram em um TCC, destacamos: a) quatro trabalhos que estudarem temas do município de Pastos Bons: sobre as religiões de matrizes africanas, sobre a comunidade quilombola Cascavel, sobre o ofício das benzedadeiras e sobre o cotidiano das mulheres negras; b) dois trabalhos sobre o município de Sucupira do Riachão, um sobre uma festa tradicional da cidade que revelou uma segregação racial histórica e outro sobre as características étnicas da festa de São Benedito; c) um trabalho na nossa cidade, São João Patos, sobre a aplicação da lei nº 11.645/08 em uma escola pública estadual do município.

Chama nossa atenção o despertar das alunas e alunos da pós-graduação para fenômenos sociais das suas cidades de origem que eles sempre conviveram, mas que antes de terem contato com a temática das relações étnicas e raciais nunca haviam se dado conta de que existiam. Observamos que o processo de formação que estes estudantes tiveram acesso através da realização da especialização não só os fez despertar para o racismo cotidiano dos seus municípios de origem, mas os instrumentalizou e os inspirou a pesquisar, agir e se tornar verdadeiros militantes antirracistas.

Todas as atividades acima elencadas sempre surtiram efeitos muito positivos junto à comunidade acadêmica como ações contra-hegemônicas para a desconstrução de estereótipos etnocêntricos e racistas, bem como no estímulo ao engajamento dos estudantes na luta antirracista. Nesse sentido, observamos mudanças individuais e institucionais significativas desde que começamos a atuar.

A começar pelos estudantes do ensino médio do campus, as transformações individuais são visíveis, por exemplo, na afirmação da negritude pela estética, que agora vem se modificando paulatinamente na medida em que desenvolvemos nossas ações. Pode parecer pouco – algo que não víamos há um tempo – ver cabelos *black power* sendo exibidos com maior frequência e mais orgulho pelos corredores do campus, mas certamente nos traz satisfação e uma sensação de que o trabalho surte efeitos, ainda que sutis.

Nos alunos do curso de especialização, é interessante notar como suas concepções pessoais a respeito do racismo mudam no decorrer do curso, na medida em que há o aprofundamento das ideias e debates.

Quanto às mudanças institucionais, observamos uma maior atenção e cuidado institucional para tratar do assunto. Obviamente isso não nos livra do racismo estrutural, mas coloca a instituição no patamar de questionar suas práticas racistas e tentar atuar sobre as causas do problema. Isso ficou evidente, por exemplo, no apoio institucional que o LEPTTE teve para implementar o curso de especialização e o incentivo que sempre recebemos para desenvolvermos nossas ações como grupo de pesquisa.

Evidentemente que esses ganhos aqui documentados não podem nos iludir.

Ainda é muito importante lembrarmo-nos, constantemente, de que há opressão *sistemática* [grifo do autor]. Isso exige transformações fundamentais das estruturas institucionais locais, regionais e nacionais, e também, das práticas de um estado racista e racializante, da natureza de gênero e sexo da política do Estado (FRASER, 2013), de uma economia e seu sistema de trabalho pago e não pago que continua a criar desigualdades duradouras, e de uma máquina de guerra que ameaça milhões de pessoas pelo mundo inteiro. (APLLE, 2017, p. 910).

Temos plena consciência de que o trabalho ainda é árduo e as tarefas para as transformações sociais que desejamos são hercúleas. Entretanto, a ideia não é cair no

desespero e imobilismo, nem tampouco diminuir o significado daquilo que nós e outros tantos atores sociais vem realizando para interromper as estruturas e os processos de opressão e dominação. Ao contrário, trata-se, como afirma Apple citando Gramsci, de reconhecer que estamos em uma “guerra de posições” – ou de um conjunto de ações contra-hegemônicas – em que tudo conta. “Ação criticamente democrática na educação, na saúde, nas vidas do povo, em lugares de trabalho pago e não pago, na família, na luta pela paz: *todas* essas são significantes. Todas as ações contra relações dominantes envolvendo gênero e sexualidade, raça, classe, habilidade, idade, degradação ambiental, e paz: todas valem.” (Ibid, p. 911).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, avaliamos que todas essas ações conjugadas têm nos indicado que o espaço do LEPTe vem aos poucos se consolidando no nosso município e na região do médio sertão maranhense como um espaço educacional viável e produtivo para a promoção de ações práticas possíveis na luta contra todas as formas de opressão, em especial aquelas relacionadas à raça-etnia.

Considerando que até aqui atingimos o objetivo de compartilhar a experiência do LEPTe nas ações práticas de enfrentamento ao racismo, finalizamos este texto com uma breve consideração a respeito de algo que acreditamos ser fundamental que os setores progressistas precisem refletir.

Ocorre que uma das grandes preocupações dos progressistas no momento de ataques brutais aos direitos de cidadania que vêm ocorrendo no Brasil desde 2016 está localizada na maneira de organização das ações contra-hegemônicas. Não é raro vermos movimentos sociais, ativistas, militantes e intelectuais preocupados com a falta de uma organização central que faça frente ao avanço das alianças hegemônicas da “restauração conservadora”. Nós também padecemos dessa sensação de desnorteamento que permeia nossa atuação cotidiana. Então, o que fazer diante do imobilismo que toma conta de nós diante dos ataques promovidos pelas alianças hegemônicas?

A respeito disso, Apple argumenta em favor de uma política que ele chama de “união descentralizada”. Diante da dificuldade em se estabelecer um comando central (mesmo porque isso nos parece bem pernicioso), aparentemente a ideia do autor é que sigamos desenvolvendo ações contra-hegemônicas tendo em vista que elas estão conectadas pela causa comum que defendem.

Concordamos com Apple que o desafio maior talvez seja conectar essas ações umas às outras. Isso é algo que nós progressistas precisamos enfrentar com afinco. Evidentemente se faz importante que os diferentes grupos que atuam dentro de uma problemática possam trocar experiências, dividir estratégias e somar esforços. Contudo, a falta de um comando central ou de um contato permanente entre os diferentes atores progressistas não deve ser tomado como ausência de ações ou até mesmo de estratégias. Temos muitas instituições e grupos funcionando Brasil afora e atuando para interromper as estruturas e processos de dominação. Utilizemos os espaços que já temos à nossa disposição a partir do lugar que ocupamos.

Assim como muitos outros grupos Brasil afora, cá está o LEPTe a expor sua experiência como grupo de pesquisa que se faz “espaço de ação possível”, para que o “nós”, formado por aquelas e aqueles que tremem diante das injustiças, possa se tornar, como deseja Apple, maior e mais mutuamente apoiador.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. A educação e os novos blocos hegemônicos, in **Sociologia da educação**. 6. ed. São Paulo: Lamparina, p. 93-122, 2007.

APPLE, Michael W. A luta pela democracia na educação crítica, in **Revista e-Curriculum**, São Paulo: PUC/SP, v. 15, n. 4, p. 894-926, out./dez., 2017.

CASIMIRO, Flávio H. Calheiros. **A nova direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo**. 1. ed.; São Paulo: Expressão Popular, 2018.

FRASER, Nancy. A justiça social na globalização: Redistribuição, reconhecimento e participação, in **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 63, p. 7-20, 2002.

FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história, in **Mediações**, Londrina, v. 14, n. 2, p. 11-33, jul./dez., 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. 8. ed.; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 10. ed.; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 40. ed.; Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2017a.

FREIRE, Paulo. FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 8. ed.; Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2017b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 68. ed.; São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GANDIN, Luís Armando; LIMA, Iana Gomes de. A perspectiva de Michael Apple para os estudos das políticas educacionais, in **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 651-664, jul./set., 2016.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4. ed.; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

NOSELLA, Paolo; AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. A educação em Gramsci, In **Revista Teoria e Prática da Educação**, v. 15, n. 2, p. 25-33, maio/ago. 2012.

Submetido em: 17/08/2019
Aprovado em: 04/09/2020